



Evento	Salão UFRGS 2018: SIC - XXX SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
Ano	2018
Local	Campus do Vale - UFRGS
Título	Etnopsiquiatria, etnopsicologia e antropologia: as Psicologias entre Natureza e Cultura
Autor	TOMÁS DE OLIVEIRA
Orientador	MARIA PAULA

Etnopsiquiatria, etnopsicologia e antropologia: as Psicologias entre Natureza e Cultura. Autor: Tomás de Oliveira. Orientadora: Maria Paula Prates. IES: UFCSPA

O presente trabalho tem como pano de fundo desdobramentos da pesquisa “De tensões cosmológicas à reversibilidade de significados: o atendimento biomédico juruá junto a mulheres e crianças mbyá”, financiada pelo CNPq, bem como discussões com o grupo de pesquisa Laboratório de Alteridades. Tendo em vista que a pesquisa do CNPq tinha como um de seus intuitos conhecer o que se passava entre os profissionais da saúde no contexto do atendimento hospitalar às mulheres e crianças mbyá, algumas entrevistas, de cunho etnográfico, foram feitas no Hospital Materno Infantil Presidente Vargas. Elas ocorreram com diversos profissionais da área da saúde, sendo os da psicologia um deles. Chegou-se, então, ao questionamento de o que a psicologia teria a dizer sobre esse Outro indígena. Para tanto, uma pesquisa bibliográfica foi realizada na base de dados do Periódico Capes com termos como “Etnopsiquiatria”, “Etnopsicologia”, “Antropologia e psicologia” e “Etnopsicanálise”. Junto a esta pesquisa bibliográfica, uma leitura sobre alguns temas e autores da antropologia foi também feita, com o intuito de aprofundar algumas discussões suscitadas por estes, como a respeito de temas pautados pelos binômios Natureza e Cultura, Razão e Sentimento, Alma e Corpo. Esta bibliografia mostrou-se muito fértil, visto que as problemáticas também foram encontradas nos artigos concernentes à psicologia, bem como no trabalho de campo com o tema do vínculo mãe-bebê. Segundo a bibliografia, pode-se afirmar que, no início do século XX há uma aproximação entre antropologia e psicanálise, a partir de discussão estabelecida entre Freud e Malinowski sobre a universalidade do Édipo. Nesse ínterim, há a consolidação da área de conhecimento que circula entre psicanálise, psicologia e antropologia enquanto Etnopsicanálise, cunhada por Devereux - autor que também propicia o desenvolvimento da etnopsiquiatria. Os artigos ligados aos temas “entre” psicologia e antropologia assumem, a meu ver, três formas: ou mostram a problemática dos modelos transculturais da psiquiatria, que assimilam alguns conceitos antropológicos para tratar o “problema” do Outro, persistindo uma visão universalizante do tratamento biomédico; ou problematizam essa visão biomédica no tratamento de outras culturas, trazendo a cultura como atuante no núcleo biológico, mas sem sair da dicotomia natureza x cultura, corpo x mente, etc; ou diluem essas bipartições, fazendo emergir um corpo que não é mais o do uso biomédico. Assim, o que a bibliografia mostra é uma tendência dos saberes ligados à psicologia de trabalhar com o Outro de uma forma não comprometida com um entendimento radical de alteridade, implicando em um processo de multiplicação de dicotomias que muitas vezes não são possíveis de serem encontradas entre coletivos indígenas, por exemplo -, e de um apagamento da cultura desses Outros por meio de tratamentos que veem a diferença enquanto problema. Portanto, como propõe Bruno Latour, talvez seja necessária uma reconstituição das disjunções existentes. Destarte, o que aparece é o seguinte: pode hoje a psicologia - aqui pensando objetivamente na interlocução com profissionais da área que trabalham em hospitais públicos e têm, entre seus pacientes, pessoas indígenas - com sua constituição e proposta, dizer algo sobre o Outro que não seja amparada desde um modelo universalizante e de ordem biomédico?, ou a partir de um relativismo cultural que acomoda as diferenças desde que estas não questionem a hegemonia de um saber biomédico pretensamente universal? Uma das respostas possíveis que aparecem como desdobramento das leituras é que talvez se deva reconhecer como a psicologia tem endossado essas dicotomias, que estão intrinsecamente ligadas à sua prática e às suas teorias. Em suma, considero que parece estar em suspenso a percepção de que “nós” mesmos, enquanto psicólogos e estudantes de psicologia, fazemos parte de uma cultura, não somente o Outro, podendo esse entendimento ser um dos mecanismos de descoberta dos pressupostos básicos que assumimos sem nenhum tipo de questionamento, e que Roy Wagner chama de “objetividade relativa”.

